

O legado de Chico Mendes: da aliança dos povos da floresta, aos jovens do futuro



Angélica Mendes



Angela Mendes

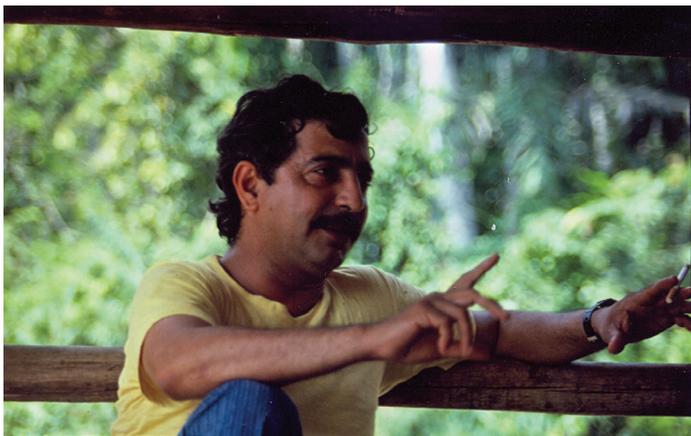
Chico Mendes nasceu em um seringal que ficava localizado em Xapuri, no Acre, em 15 de dezembro de 1944. Desde muito cedo, precisou ajudar o pai no ofício e se tornou seringueiro aos 8 anos de idade. Foi alfabetizado somente aos 19 anos, época em que um vizinho misterioso, um jornalista comunista que estava refugiado na Amazônia, Euclides Távora, lhe deu aulas. Este utilizou de jornais e de discussão política junto ao ensino das palavras. Alfabetizado também politicamente, foi a partir daí que se engajou na criação de sindicatos junto a outras lideranças da época. Isso porque embora o coronelismo dos seringalistas (os donos dos seringais) tivesse acabado com a queda econômica da borracha, os seringueiros continuavam sendo explorados pelos compradores de borracha, sendo os sindicatos fundamentais para incorporar a reivindicação de seus direitos.

Outro problema se fortalecia na Amazônia. A ditadura militar incentivava fazendeiros do sul do país a colonizar a região, com a desculpa de “integração” ao restante do país. A floresta é, então, tratada como impeditivo ao desenvolvimento e as terras eram vendidas como se ninguém ali vivesse. Foi a partir daí que surgiram os “movimentos de empate” (movimento de resistência onde homens e mulheres impediam o desmatamento de forma pacífica). Através desse movimento de resistência, Chico entendeu que as demandas dos seringueiros eram muito semelhantes às dos povos indígenas e propôs a formação da aliança dos povos da floresta, união entre indígenas e extrativistas.

Resultou desta aliança, o modelo das Reservas Extrativistas (Resex) que foi inspirado na dinâmica existente nas Terras Indígenas. O conceito da criação das reservas habitadas por comunidades tradicionais é utilizado em muitos países. São unidades de conservação de uso sustentável, que protegem tanto a biodiversidade quanto os modos de vida das comunidades tradicionais em territórios federais e de usufruto das pessoas que ali vivem. Na Amazônia, atualmente existem 92 unidades (entre Resex e Reservas de Desenvolvimento Sustentável), numa área de 24.925.910 hectares que beneficiam 1.500.000 pessoas (Fonte Memorial Chico Mendes).

“No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade.” Chico Mendes, nos anos 80 já falava da importância da Amazônia para a vida no

Palavras-chave: Amazônia; reservas extrativistas; socioambiental; clima e juventude.



Chico Mendes

planeta, tal qual lutamos atualmente. Termos como crise climática e racismo ambiental, não existiam na época, mas que já faziam parte do discurso de Chico. No ano de seu assassinato, 1988, Chico deixou uma carta aos jovens do futuro, onde ele fala que uma revolução iniciada em 2020 uniria todos os povos do planeta em um só ideal.

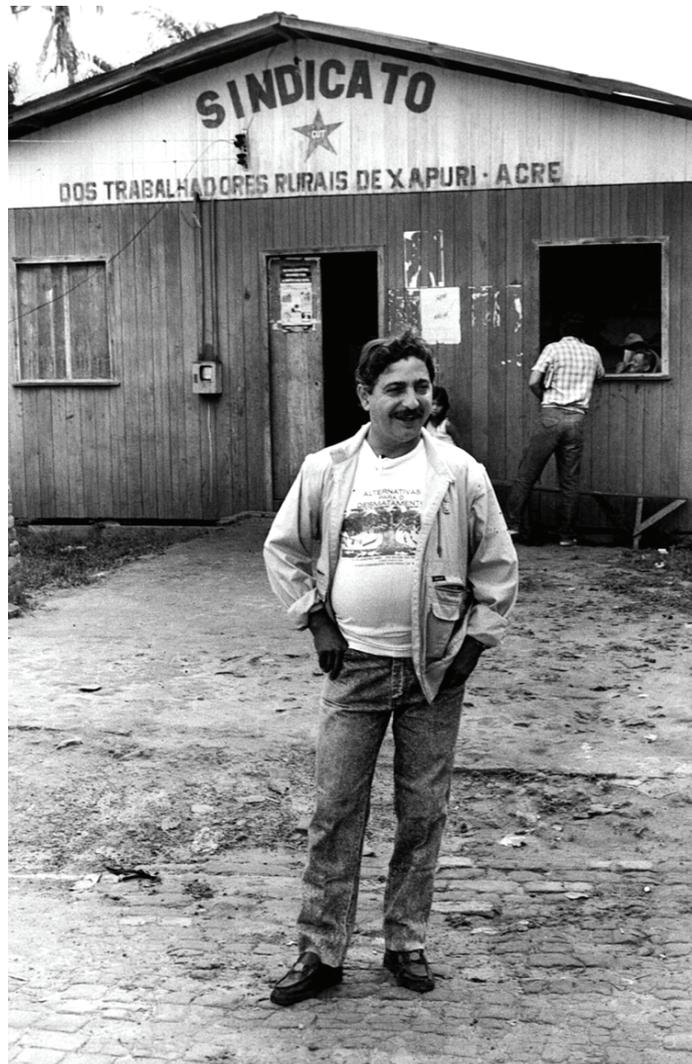
Atenção jovem do futuro - 6 de setembro do ano de 2020, aniversário ou primeiro centenário da revolução socialista mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade. Aqui fica somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte. Desculpem. Eu estava sonhando quando escrevi estes acontecimentos que eu mesmo não verei. Mas tenho o prazer de ter sonhado. (Chico Mendes)

Nesta carta, Chico convoca a juventude para que continue a luta que não é apenas ambiental, mas principalmente social, por um planeta unificado em uma revolução socialista, entendendo que a distribuição de riqueza e o sistema capitalista trás essa destruição, essa dor, sofrimento e morte. Hoje, olhando a atuação da juventude na agenda climática e o avanço do debate social dentro dessa pauta, nós vemos o quanto Chico era visionário há quase 35 anos atrás.

Na Amazônia, até hoje, defensores como Chico Mendes, o casal José Cláudio e Maria do Espírito Santo, irmã Dorothy, Ari Uru-Eu-Wau-Wau e centenas de outros têm arriscado suas vidas e muitas vezes tombado nessa luta por seus territórios e modos de vida. Suas lutas continuam sendo apagadas. Ao mesmo tempo, já sofremos os efeitos da crise climática e os povos da floresta, apesar de extremamente importantes para a preservação dos ecossistemas, sofrem profundamente com a crise climática. Agora, mais do que nunca, precisamos fortalecer as vozes locais, as vidas, as

narrativas, a luta coletiva por um território que beneficia não apenas quem está na Amazônia, mas também outras regiões do Brasil e do mundo. Colocar a Amazônia no centro do debate, mais do que no centro do mundo, é urgente. Precisamos de amazônidas nos diferentes espaços dessa agenda, político, científico e da sociedade civil. Fortalecendo esses atores, teremos soluções locais realmente funcionais.

**Decolonizar a Amazônia é urgente.
Viva os povos da floresta e a juventude de Chico!**



Chico à frente da sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Foto de Edison Caetano.

Referências

<http://www.memorialchicomendes.org/reservas-extrativistas/>

Allegretti, Mary, Lucia Helena de Oliveira Cunha, and Marianne Schminck. "30 Anos do Legado de Chico Mendes." **Desenvolvimento e Meio Ambiente** 48 (2018).

